



## A CRISE DE TRABALHO ALASTRA

### LUTEMOS CONTRA O DESEMPREGO!

"O CAMPONEZ" do Janeiro salientava que mais do 50.000 camponeses estavam sem trabalho. De então para cá, a situação não melhorou. Ao contrário, a crise do trabalho é maior. Os grandes agrários não abrem trabalhos e os empregadores, alegando que lhes "falta a verba", interrompem o conserto de estradas e outras obras. Diariamente se alagam as suas terras com as camponesas que vão para as cidades em procura do trabalho. Os que o conseguem, continuam a levar uma vida de miséria, pois têm de mandar uma parte do mego salário para as famílias. Os que o não conseguem regressam mais famintos e com mais dívidas.

A actual crise de trabalho não é só no Alentejo. No Ribatejo também há crise. Ali também os trabalhadores do campo passam dias a fio sem trabalhar. Como se vê, a crise no campo alastra. É nas regiões do Alentejo e Ribatejo, onde a maior parte da terra está concentrada nas mãos de umas contagens de grandes agrários, que a crise se faz sentir com mais agudeza. É nas regiões do Alentejo e Ribatejo, onde grande parte da terra cultivável está abandonada, que milhares e milhares de camponeses e suas famílias morrem de fome porque não têm um palmo de terra para cultivar nem têm quem lhes dê trabalho.

A situação agrava-se de tal forma que o governo fascista de Salazar, não podendo já ocultá-la, anunciou que no dia 19 de Fevereiro se reuniriam os ministros da Economia e das Obras Públicas e o sub-secretário das Corporações com os governadores civis e os delegados do INT de Portalegre, Évora, Beja, Santarém e Setúbal para se ocuparem de "assuntos relacionados com a crise do trabalho no Alentejo e Ribatejo".

Mas uma vez mais se provou que o salazarismo não pode resolver os problemas nacionais. No dia seguinte, o jornal não anunciava qualquer medida do governo para acabar com a crise. Limitava-se a dizer que nessa reunião "foram apreciados vários assuntos de ordem geral e estudada a forma de cooperação dos diferentes serviços do Estado na resolução dos problemas de maior importância para as regiões interessadas".

Que se conclua de tudo isto? Que o governo fascista de Salazar resolveu continuar a encobrir a crise e a não tomar quaisquer providências para a pôr termo. Por outro lado, tudo nos leva ainda a concluir que a "cooperação dos diferentes serviços do Estado" significa continuar a defender e camuflar os grandes agrários e a cobrir os trabalhos e acudir à crise se as massas camponesas o exigirem.

O desprêzo que os fascistas mostram pela miséria e privação dos camponeses prova que se não exigirmos a rápida abertura de trabalhos e não obrigarmos o governo e os grandes agrários a tomar outras medidas de auxílio, a crise continuará até às colheitas vindimas e daqui até lá poucos serão os dias de trabalho assegurado.

Isto quer dizer que devemos exigir a rápida abertura de trabalhos para todos os desempregados e subsídios imediatos para os que não tiveram trabalho. Mas não só os camponeses desempregados devem lutar. Os que ainda têm trabalho assegurado devem juntar-se aos desempregados e lutar com eles, pois amanhã a crise também lhes pode bater à porta. Se todos lutarmos unidos e firmes, os agrários e o governo fascista de Salazar serão obrigados a abrir trabalhos ou a estabelecer subsídios de desemprego para os camponeses desempregados.

Que em todas as localidades se formem Comissões de Unidade Camponesa que, à frente dos seus camaradas, exijam a rápida abertura de trabalhos!

Que se façam concentrações nas Casas do Povo para discutirmos as formas de luta para a conquista de trabalho. Que se forcem as direcções das Casas do Povo a acompanhar as Comissões e as massas camponesas junto das autoridades.

Que as Casas do Povo, os agrários e o governo sejam obrigados a dar subsídios de desemprego a todos os camponeses sem trabalho!

Que todos os camponeses se convençam de que o fascismo não resolverá os seus problemas e que o desemprego e a fome só desaparecerão na medida em que os trabalhadores lutem UNIDOS contra a fome e a exploração!

### AOS PEQUENOS COMERCIANTES E INDUSTRIAIS

A crise do trabalho no campo prejudica o comércio e a indústria nacionais, pois os camponeses não têm dinheiro para obter os produtos de que necessitam. Mas é ao pequeno comércio e à pequena indústria das vilas e aldeias que esta crise afecta mais directamente. O negócio diminui e perto do que se vai fazendo é a crédito. Por outro lado, o governo fascista de Salazar, ao mesmo tempo que não toma quaisquer medidas contra a crise e protege os grandes agrários fomentadores da crise e da miséria, aumenta as contribuições e sobrecarrega ainda o comércio e a indústria com pesados impostos indirectos. Como se vê, a crise no campo e a exploração do governo fascista de Salazar afectam profundamente a economia dos pequenos comerciantes e industriais, muitos dos quais estão à beira da ruína. Como se vê, o pequeno comerciante e o pequeno industrial também são vítimas da exploração salazarista.

Isto quer dizer que os pequenos comerciantes e industriais das vilas e aldeias não devem ficar indiferentes perante esta exploração e devem apoiar a luta dos camponeses contra

crise e por melhores jornas. Na medida em que os trabalhadores tenham trabalho e jornas altas, eles pagarão as dívidas e darão vida nova ao comércio e à indústria.

Os comerciantes e industriais das vilas e aldeias devem apoiar as lutas camponesas contra a crise e por melhores jornas apoiando as suas manifestações e organizando Comissões de Unidade de Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais que escrevam ou falem às autoridades e aos dirigentes das Casas do Povo exigindo-lhes que as reivindicações camponesas sejam satisfeitas.



### MAIS LUTAS E MAIS VITÓRIAS

Os grandes agrários fascistas aproveitam o desemprego para baixar as jornas e impôr condições de trabalho escravo aos camponeses. Mas em muitas localidades os camponeses negam-se a trabalhar por jornas de fome e não consentem que as condições de trabalho se agravem.

NO ESCOURAL, o agrário fascista Manuel Joaquim Gonçalves pretendia baixar a jorna de 20,00 para 15,00, aos camponeses que andavam na sementeira de azeitona. Os camponeses negaram-se a trabalhar por 15,00. Não conseguindo outros trabalhadores, teve de manter os 20,00.

O mesmo fascista, nas sessenteiras, quis obrigar os camponeses a enregar meia hora antes do sol nascer. Todos se negaram a isso e o Gonçalves foi obrigado a recuar nesta exploração.

NAS FALCOEIRAS, o empreiteiro do estrada Morgedinho pretendia roubar meia hora do descanso aos carroceiros do transporte de pedra. Todos se negaram e o empreiteiro teve de ceder.

EM ALCÁCER DO SAL, o fascista Adriano Tavares havia pago 14,00 na abertura das vales para o arroz. Os camponeses exigiram mais e como o Tavares se negasse, os camponeses abandonaram o trabalho. O Tavares quis pôr os trabalhadores permanentes na cista e substituí-los, mas eles negaram-se a traí-los os seus camaradas. Para se vingar, o Tavares mandou estes trabalhadores para os trabalhos das mulheres a ganhar 7,00! Trabalhadores! Negai-vos a trabalhar por jornas tão baixas e participai na Casa do Povo e às autoridades a exigir do Tavares!

EM VILA NOVA DA BARONIA, os camponeses ganhavam 16,00. Alguns ranchos exigiram 25,00. Perante a firmeza dos valentes camponeses, os patrões tiveram de dar os 25,00!

EM S. MANÇOS, as mulheres têm feito Praça e combinaram não se ajustar por menos de 12,00 para as mendas. Os agrários só queriam dar 10,00, mas perante a Unidade das valentes camponesas tiveram de dar os 12,00 pedidos na Praça do Jornal!

EM CASTRO VERDE, os camponeses empregados no conserto duma estrada da região exigiram jornas mais altas. Como os empreiteiros se negassem a dar a jorna pedida, os camponeses abandonaram o trabalho.

### PRACAS DE JORNAS E OCULSIÕES DE PRAÇA EM TODAS AS LOCALIDADES!

A Praça do Jornal é precisa aos camponeses para evitar maiores explorações. Nas terras onde se faz Praça, a jorna é sempre mais alta. Nas terras onde não se faz, as jornas são mais arrastadas. Os lavradores mandam os oprtizes às cistas dos camponeses e ou dizem que pagam o que os outros pagarem ou oferecem menos, dizendo que é o preço que corre, que já têm outros ajustados por esse preço, etc.. Na Praça já eles não podem fazer êsse roubo nem podem mentir porque estando todos juntos somos mais fortes.

Nem só os homens devem ir à Praça. As mulheres também lá devem ir. O exemplo das valentes camponesas do S. Manços deve ser seguido por todas as camponesas. Elas foram à Praça e exigiram 12,00. Os patrões só queriam dar 10,00 mas foram obrigados a dar os 12,00 porque elas estavam unidas. Onde é que elas se tinham unido todas? Na Praça.

Muitos camaradas dizem que é impossível fazer Praça porque nas suas terras não há êsse costume. Mas ainda no ano passado, na época das ceifas, outros diziam o mesmo, mas depois de combinarem com todos os camaradas, a maioria começou a ir à Praça. Os que ao princípio não queriam lá ir começaram também a aparecer pouco depois, porque compreenderam que isso lhes dava mais resultado. E foi assim que se criaram Praças em muitas terras onde elas nunca tinham existido. Devemos, pois, organizar Praças de Jornas em todas as localidades, porque isso é necessário ao fortalecimento da Unidade camponesa.

Mas não basta criar a Praça. Depois desta formada, é preciso eleger a Comissão de Praça. A Comissão de Praça é um organismo da unidade camponesa, legal e permanente que deve estar sempre em contacto com as massas que a elegem e deve orientar a luta na defesa dos interesses de todos. Na Praça de Jornas é a Comissão de Praça que, depois de ouvir todos os camaradas, estabelece a jorna para os trabalhos. Nas faltas de trabalho, etc.; é a Comissão de Praça que, depois de ouvir todos os camaradas, dá o passo a palavra para as concentrações na Casa do Povo, junto das autoridades, etc.. A Comissão de Praça é, pois, um organismo vivo, legal e permanente que orienta a luta pela defesa dos interesses dos camponeses.

Isto não quer dizer que a Comissão de Praça seja e que vai a toda a parte. Além da Comissão de Praça devem formar-se outras Comissões de Unidade para realizar determinadas tarefas. Se numa reunião da Casa do Povo se resolver ir falar às autoridades, pode formar-se outra Comissão de Unidade para êsse fim. Para organizar a lista do Unidade para as eleições na Casa do Povo e tratar de levar lá todos os camaradas para exigir eleições ou para votar, no dia das eleições, deve-se formar outra Comissão de Unidade. Mas a Comissão de Praça é que tem o papel fundamental da direcção de todo o movimento de luta da classe camponesa por uma vida mais forte e mais feliz.

É preciso lançarmo-nos na formação de Praças de Jornas e de Comissões de Praça. Este é o caminho mais justo e acertado.

#### Quantias recebidas para "O GALPORES" impresso:

Pré da organização camponesa.....	24,00	Amigos do "GALPORES".....	17,00
Dois secreiros.....	10,00	Por Chico liguel.....	18,00
Produto duma festa no campo.....	74,00	Total recebido.....	139,00